

# GUERRA NA UCRÂNIA: FIM DA DISSUASÃO NUCLEAR?

Por Gabriel Camilli\*



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

*Analisando o ataque de drones da Ucrânia à Rússia em junho de 2025, surge a questão do “fim da dissuasão”; quais são as implicações táticas e estratégicas dessa vulnerabilidade?*

Como deixamos estabelecido em nosso artigo da semana passada e diante dos acontecimentos dos primeiros dias de junho de 2025, podemos pensar em: o fim da dissuasão? Veremos algumas lições estratégicas e táticas das incursões da Ucrânia contra a Rússia.

Em princípio, diremos que a dissuasão tem como objetivo evitar que um ator tome uma decisão ou realize uma ação que coloque em perigo a segurança de outro ator ou a manutenção de um determinado *status quo*.

A dissuasão pode se basear na ameaça de uma resposta militar, mas também na utilização de outros instrumentos de poder do Estado, como a diplomacia, as sanções econômicas ou a demonstração de uma vontade firme de defender os interesses nacionais.

A dissuasão, como processo, é exercida por meio de três aspectos: a capacidade, a credibilidade e a comunicação. Ou seja: eu posso causar dano (capacidade); se acredita que eu sou capaz de causar dano (credibilidade) e eu digo que posso causar dano (comunicação).

A capacidade é dada por uma série de fatores, entre eles aqueles que compõem as próprias forças, como seu poder de combate. Como parte disso estão seus meios e

armamentos, seus recursos humanos, seu treinamento, seu equipamento e sua moral.

Mensagem: “*com um exército bem instruído não se pode arriscar*” (com estes não me meto...). Da mesma forma, a capacidade é comunicada por meio de equipamentos com modernidade e atualização aceitáveis.

Ligada a isso está a credibilidade, porque se eu tenho capacidade de causar dano, é bastante crível que eu a use e cause certo estrago. Por essa razão, é muito importante instruir-se, adestrar-se e treinar-se de forma responsável, e isso não é uma perda de tempo.

Devemos ter em mente para nossas forças armadas que, seguindo esta linha de pensamento, o que hoje se diz que são missões complementares ou subsidiárias, são parte da comunicação e da dissuasão. Participar de uma OMP ou apoiar a comunidade é uma forma de comunicar que somos uma Força eficiente, equipada, instruída e disponível. Se o fizermos bem feito.

## MANOBRA AUDACIOSA

Diante dos fatos recentes, é justo perguntar: a dissuasão nuclear russa e, em geral, o próprio conceito de dissuasão estratégica estão em risco diante de casos como o ataque ucraniano de domingo, 1º de junho?

Analistas e estrategistas debatem este assunto: a audaciosa manobra com que os ucranianos e a OTAN, utilizando pouco mais de cem drones cuidadosamente infiltrados em território russo, atacaram várias bases aéreas da Rússia, do Ártico à Sibéria, danificando alguns bombardeiros estratégicos e outras aeronaves e inutilizando menos de uma dúzia delas, estabelece um precedente no campo da ciência militar?

A novidade do ataque ucraniano. De fato, pela primeira vez, vetores que fazem parte integrante da arquitetura de dissuasão de uma potência nuclear foram atacados simultaneamente, com o uso de ativos operacionais, os drones com visão em primeira pessoa (FPV, *First Person View*), totalmente assimétricos em relação à magnitude dos danos que podem causar ao adversário.

Uma observação clara que expõe à luz a gravidade da situação atual é que a Ucrânia se viu obrigada a buscar objetivos cada vez mais ambiciosos e de alto impacto midiático para compensar as deficiências surgidas na campanha travada no campo de batalha.

Uma das opiniões recentes, o general Mick Ryan, pesquisador do Instituto Lowy australiano em Sydney, declarou ao *New York Times* que “*a proliferação de drones, sensores de código aberto e sistemas digitais de comando e controle significa que os ataques de longo alcance são agora um recurso ao alcance de quase qualquer Estado-nação e ator não estatal, equipado com alguns milhões de dólares e o desejo de alcançar e atacar seu adversário*”. Disso se depreende claramente que, no caso ucraniano, a autorização para ataques profundos em solo russo por parte das potências ocidentais oferece a Kiev a oportunidade de levantar novamente essa ameaça com outras ferramentas.

O analista Rainer Saks, em declarações à televisão pública estoniana *Eer*, destacou que *“a dissuasão nuclear é composta por dois elementos: um é ter uma ogiva nuclear em funcionamento com um sistema de lançamento adequado, e o outro está ligado a uma ameaça crível de seu uso”*, e que *“a Rússia sofreu um duro golpe no segundo desses aspectos”*. Consideramos esta opinião equivocada, pois nenhum dos dois aspectos que Saks menciona foram alterados.

No nível tático, a Operação Spider Web do Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU) envia uma mensagem clara sobre a necessidade de proteger as bases localizadas no interior do território de um país.

Também no nível tático, medidas devem ser tomadas. Por exemplo, o rastreamento forense dos movimentos de carga. Os manifestos em *blockchain* são um termo da moda, mas os conhecimentos de embarque assinados digitalmente poderiam ao menos reduzir a margem de anonimato.

Os objetivos de interesse deveriam contar com redes antidrones em camadas ao redor de nós estratégicos. Os inibidores de baixa potência e os *lasers* de alta potência, antes elementos de luxo, agora são elementos essenciais no perímetro.

## VULNERABILIDADE

Em nível estratégico, o ataque ucraniano mostra a vulnerabilidade do atual equilíbrio atômico em uma fase em que os grandes tratados que geriam o equilíbrio de poder nuclear foram abandonados ou congelados há muito tempo e em que a anarquia geopolítica hoje é a regra. Já alertamos isso em nossos artigos publicados no Velho General ([A Espada de Dâmocles da Bomba Atômica](#)).

As armas nucleares são o melhor elemento dissuasório contra seu próprio uso ou as guerras diretas entre grandes potências. Mas até aqui, essa facilidade de atacar com elementos tecnológicos acessíveis não eleva o limiar de estabilidade e segurança da ordem internacional.

É uma lição a ser considerada pelas potências com menores recursos, como a Argentina (*nota do tradutor: vale para o Brasil*).

## COMO ESTÁ O QUADRO DA SITUAÇÃO ATÉ A DATA ATUAL?

Denes Martos nos diz: *“Tendo a complexidade deste quadro quase ininteligível à vista, compreende-se a dificuldade de definir o conceito de ‘vitória’ para ambos os contendores. A única coisa da qual podemos ter certeza é de que se odeiam de forma visceral. Porque, para o lado ucraniano, a ‘vitória’ não significaria apenas a sobrevivência da Ucrânia Ocidental, mas a recuperação de todos os territórios perdidos para a Rússia, incluindo a Crimeia. Enquanto, para os russos, a Crimeia é tão importante que a defenderiam até com armas nucleares, e a ‘vitória’ russa consistiria em impedir para sempre a possibilidade de expulsar os russos radicados na Ucrânia Oriental e – precisamente – na Crimeia. Nessas condições e se as noções de ‘vitória’ são essas, cabe a pergunta: Quem quer a paz? Para Putin, a paz virá necessariamente de um modo ou de outro, já que a Ucrânia não pode vencer uma guerra contra a Rússia. Para Zelensky, se a guerra tem que ser travada até o último ucraniano, o desafio não o impressiona em absoluto, contanto que isso não signifique*

*uma vitória clara para a Rússia. Para um Zelensky, um Kolomoisky e todos eles, os ucranianos não passam de material descartável. E, finalmente, para os politiquinhos da União Europeia e da Inglaterra, a guerra, como de costume, é principalmente uma boa oportunidade de negócios em que, agitando o fantasma do ‘perigo russo’, pode-se colocar em marcha toda a maquinaria de produção e tráfico de armas de todo tipo.”*

## PARTICIPAÇÃO BRITÂNICA

Outro componente desta análise refere-se à participação da sempre Pérfida Albion (Grã-Bretanha) nesta confusão. A Ucrânia não teria sido incapaz de realizar seus ataques terroristas contra a Rússia sem o apoio do Reino Unido, já que Londres está claramente por trás das ações do regime de Kiev, declarou o ministro das Relações Exteriores russo, Serguei Lavrov, no Fórum do Futuro 2050.

Estão todos loucos? A Ucrânia e a OTAN conhecem a doutrina nuclear russa. Quem provoca e incita um desastre nuclear? O presidente russo, Vladimir Putin, assinou a atualização da doutrina nuclear, na qual a lista de condições para um ataque nuclear russo foi ampliada. É conhecido e comentado. A Rússia se reserva o direito de responder com armas nucleares à agressão de um Estado, mesmo que este não possua armas nucleares próprias. Basta que o agressor conte com o apoio de uma potência nuclear. Inclusive um ataque convencional contra a Rússia seria então considerado um ataque conjunto e poderia dar origem a uma resposta nuclear.

Não há referências concretas a Estados específicos no texto, mas, no contexto da guerra da Ucrânia, são sugeridos paralelos com a Ucrânia (um Estado sem armas nucleares) e seus aliados da OTAN (incluindo as potências nucleares EUA, Grã-Bretanha e França).

A tudo o que dissemos, deve-se acrescentar a questão da enorme quantidade de dinheiro envolvida. Desde o início da guerra, os governantes ucranianos e tanto os intermediários europeus quanto os norte-americanos da época de Biden se beneficiaram substancialmente com esse fluxo de dinheiro, pelo menos durante os últimos 10 anos.

## CONCLUSÃO

Como nos lembra muito adequadamente Denes Martos: *“Deste lado do charco, faríamos bem em tomar nota. Dentro de apenas alguns anos (ou muito antes), o mundo inteiro será muito diferente.”* E nós... quais previsões estratégicas e geopolíticas estamos adotando?

Publicado no [La Prensa](#).

---

*\*Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*

---